

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## HIPÓTESE ACERCA DA BATALHA DE ALJUBARROTA.

SOUSA, J. M. Cordeiro de

Ano: 1961 | Número: 71

---

### Como citar este documento:

SOUSA, J. M. Cordeiro de, Hipótese acerca da Batalha de Aljubarrota. *Revista de Guimarães*, 71 (3-4) Jul.-Dez. 1961, p. 261-264.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Hipótese acerca da Batalha de Aljubarrota

Por J. M. CORDEIRO DE SOUSA

---

Eu tenho o máximo respeito pela opinião dos mestres, sem que, no entanto, me julgue obrigado a acatá-la quando o meu raciocínio me conduza a conclusões que divergem das suas.

É o caso de certa teoria sobre o início da batalha de Aljubarrota que alguns historiadores militares, baseando-se na tática adoptada em países estrangeiros de não empregarem forças montadas no ataque contra a infantaria, insistem em afirmar que a cavalaria pesada de Castela investiu a pé contra a pequena hoste portuguesa e que, para tal, teve de partir as suas lanças.

Ora, parece-me suficiente esse episódio para nos levar naturalmente a meditar no motivo que o originou, pois sendo assim, para que traziam os arrogantes cavaleiros castelhanos as suas compridas lanças, próprias para o combate a cavalo, em vez de virem já prevenidos com outras armas ofensivas que não os embaraçassem na luta quando apeados?

Se vinham com o propósito de combater a pé, isso seria mais lógico, para não terem a necessidade de quebrar as lanças que empunhavam, na ocasião de arremeterem contra a hoste dos portugueses.

De certo não esperavam encontrar-se com a nossa bisonha cavalaria, que bem sabiam ser pouco numerosa e mal montada, pois quase todos os grandes senhores portugueses vinham com o Rei de Castela.

Mesmo que à Península já houvesse chegado o conhecimento da referida tática estrangeira, os cava-

leiros franceses integrados na hoste do Rei de Castela, ao que parece, não a terão empregado, atacando a cavalo, como refere Froissart.

E esses não deviam ignorar o que então se praticava lá fora.

\*

Apesar do juízo formulado por alguns investigadores nacionais acerca do rigor das descrições desse notável cronista, diz-nos o historiador militar Snr. Melo de Matos, que embora «não se preocupasse em conciliar as diferentes versões» acerca da batalha, «é indubitável que trabalhou sobre um fundo verdadeiro». Ora, a forma como se desenrolou o ataque não deve ter ficado esquecida aos seus informadores portugueses. Além do que, certas indicações fornecidas pelas crónicas nacionais, quando desapaixonadamente examinadas, levam-nos à conclusão de que o ataque inicial dos castelhanos terá sido realizado a cavalo:

Nuno Alvares, enquanto da sua posição na cumieira da charneca de Aljubarrota observava os movimentos da hoste castelhana, «ante que se a batalha começasse», recomenda aos homens da vanguarda que «estivessem quedos» e recebessem o embate com os pés bem firmes no chão e as lanças apertadas debaixo do braço «o mais prolongadas que podessem» para a frente.

‡ Ora, uma tal recomendação autorisa-nos a crer que se esperava o choque da cavalaria inimiga.

E isto concorda com o que nos ensina o erudito professor de História Militar Snr. Coronel Costa Veiga, ao dizer-nos que «quando uma az permanecia a cavalo, a que tinha apeado aguardava em seu lugar o choque da outra».

\*

A brilhante e impaciente cavalaria pesada de Castela que constituia a grande vantagem do exército invasor, tendo por certo o esmagamento da pequena hoste dos portugueses, «con mas valor que reflexión», no dizer de um historiador espanhol, lança-se contra

ela sem esperar, segundo se tem escrito, pela ordem de começar a batalha, e também sem prever que na arremetida os cavalos caíssem nas covas de lobo de que não houvera suspeita.

O tenente-coronel Snr. Afonso do Paço informa de que nas escavações a que procedeu no campo da batalha, encontrou «fragmentos de maxilares de cavalos».



*Um trecho das «covas de lobo»*

(Fotografia amavelmente cedida pelo  
Snr. Ten.-coronel Afonso do Paço)

Detido assim o ataque pela queda dos cavaleiros com as montadas, mas não lhes sofrendo o brio abandonar o combate, quebrariam as suas grandes lanças para continuarem a combater à frente da peonagem.

Ante o avanço da impetuosa mas «desordenada» infantaria castelhana, terá então, porventura, Nuno Alvares mandado mover a sua gente «muito passo» e «em boa ordenança», sucedendo-se os episódios relatados pelos cronistas, com que os modernos historiadores parece não estarem em desacordo.

\*

É claro que o que acabo de expor não passa de uma hipótese, como hipótese é a opinião dos que afirmam, sem se apoiarem em documentos que não existem ou não se conhecem, que o ataque foi iniciado a pé pela cavalaria castelhana, que assim desprezava a grande vantagem do seu péso na investida em tão curta frente.